

Linguagens e Códigos

2 Práticas e gêneros escritos na escola



Objetivo

O segundo Tema do nosso Curso é Práticas e gêneros escritos na escola. O objetivo é discutir quais os modos, os recursos, os suportes e as situações que possibilitam a recepção e produção de textos escritos na escola. Três tópicos compõem esse Tema e serão trabalhados a seguir:

- O escrito e o impresso na escola
- A leitura de textos
- A produção escrita

O QUE VEIO ANTES?

No módulo anterior, vimos que a linguagem é o dispositivo ou instrumento que permite a interação entre os indivíduos por meio de práticas de linguagem e gêneros textuais. Neste módulo, enfocaremos as práticas e gêneros que se baseiam no uso da escrita.

TÓPICO 1 O escrito e o impresso na escola

Objetivos

Os objetivos específicos deste tópico do segundo Tema do nosso Curso são:

- discutir sobre como a escrita ganha corpo na escola;
- identificar quais as funções que a escrita assume na interação dos indivíduos que circulam no espaço escolar.

Escritos e escrituras escolares

A escola é uma das principais agências sociais de letramento em que a escrita tem, historicamente, um lugar central. Há mesmo quem suponha que a única ou a principal função da escola é a de inserir os indivíduos no mundo da escrita, o que ocorre a partir dos primeiros anos de escolarização com a alfabetização.



Letramento é o conjunto de práticas em que a escrita tem lugar central, ou seja, a escrita medeia de algum modo a interação entre os indivíduos.

Podemos mesmo dizer que a invenção da escola, como a conhecemos hoje, esteve ancorada em grande medida na cultura escrita. Segundo a professora Ma. do Rosário Mortatti (2006), até o advento da escola republicana no final do século XIX, a escrita era ensinada e aprendida por uma minoria de brasileiros, quase sempre em ambiente privado familiar ou, muito restritamente, nas “aulas régias” oferecidas precariamente pelas escolas do Império. Já a partir do final daquele século, com a universalização da escola, o ensino do código escrito, denominado alfabetização desde o início do século XX, é alçado à condição de tarefa fundamental dessa instituição.

Nem sempre paramos para refletir sobre a presença da escrita nas interações que construímos na escola. Já imaginamos o volume de textos impressos que circulam nos vários espaços da escola? E as múltiplas funções que eles desempenham, tornando públicas as ações dos indivíduos que atuam no cotidiano escolar?

Essa presença se configura nas paredes da escola, suporte em que se fixam trabalhos de alunos, cartazes de campanha publicitária, informações administrativas etc. Configura-se também na gestão pedagógica e administrativa da escola: relatórios, projetos pedagógicos, planos de ação, documentos oficiais etc.

Vejamos o relato de uma aluna de Licenciatura em Letras sobre os modos como a escrita ganha corpo no espaço da escola por ela frequentada durante o seu estágio:

Ex:

“Na escola na qual faço o estágio há uma porção de textos circulando. Até pouco tempo atrás, havia cartazes, no corredor das salas de aula, com notícias sobre o terremoto que atingiu o Chile. Além de textos, esses cartazes apresentavam imagens que chamaram a atenção dos alunos do primeiro ano. Atualmente, não há nenhum tipo de texto exposto nesse corredor. Já no pátio/refeitório, estão espalhados diversos pelos

murais e paredes. Há dois cartazes de divulgação das Olimpíadas de Matemática das Escolas Públicas 2010, e também de uma excursão para o Playcenter, que os alunos do Fundamental II farão em maio. Ao lado dos cartazes com uma foto do parque de diversões, há um outro papel informando a data, os horários de saída e de chegada, o preço, e os nomes das responsáveis pelo passeio.

Em um dos murais, posicionado em uma parede no meio do pátio, além da propaganda sobre a excursão, há um aviso digitado, informando sobre os documentos necessários para se obter a carteirinha de estudante da escola, e uma sequência de quatro folhas sulfites com imagens de revistas, e pequenos textos escritos à mão por alunos. A primeira folha, cujo título é 'Preconceito', traz uma foto, retirada de uma revista, do ex-participante do BBB 10 – Dicesar. O pequeno texto, escrito à caneta, discorre brevemente sobre a questão do preconceito contra os homossexuais na sociedade. A segunda folha sulfite aborda a questão do racismo, também de forma breve e superficial. Em um dos lados da página está colada uma imagem da cantora negra americana Byoncé e, do lado oposto, está uma foto da modelo brasileira Ana Hickman. A terceira folha sulfite traz duas fotos, também retiradas de revista, uma delas mostra o casal Júlia Lemmertz e Alexandre Borges, e a outra o cantor Toni Garrido ao lado de uma mulher indiana. O tema abordado nessa folha é o do Dia Internacional da Mulher. Por fim, a quarta folha apresenta pequenos anúncios de produtos para cabelos crespos. Levando em consideração o modo como essas folhas estão expostas, e mesmo a forma como elas foram feitas pelos alunos, sem nenhum tipo de capricho especial, acredito que elas não chamem muito a atenção dos estudantes quando estes estão no pátio.

Há também nesse mesmo mural, outra folha com a relação dos ganhos e gastos da APM nos últimos meses de 2009. Já ao lado da porta que dá para o corredor da sala dos professores, fica outro mural, todo forrado com papel azul escuro cintilante, no qual estão expostos três cartazes laranjas, produzidos por uma turma da oitava série, com o título "A cidade é um livro aberto". Neles, foram coladas diversas fotos, anúncios publicitários, manchetes e notícias retirados de jornais e revistas recentes. Outro texto presente nesse mural é uma mensagem de Páscoa, também elaborada pelos alunos da mesma oitava série, e que fala sobre a renovação no ciclo de vida da águia americana. O texto está colado sobre uma tela com uma pintura muito bonita da cabeça de uma águia. Outros dois textos que circulam por esse ambiente são: o cardápio do almoço, impresso em uma folha sulfite e desatualizado, e um aviso, também digitado em folha sulfite, sobre o bilhete único.

Entrando pelo corredor da sala dos professores, nos deparamos com uma pequena mesinha, embaixo de um mural, sobre a qual ficam dois fichários. Em um deles é possível encontrar as diversas edições do Diário Oficial e, no outro, informações sobre cursos extras para os professores. Há também uma pasta de comunicados. No mural, por sua vez, ficam expostas notícias sobre o SIMPEEM (Sindicato dos Profissionais em Educação no Ensino Municipal de São Paulo). Há tempos observo as mesmas notícias. Não sei com que regularidade as antigas são retiradas, e novas são colocadas no lugar.

A sala dos professores também é outro ambiente repleto de textos. Logo na entrada, há um grande quadro de planejamento mensal, no qual os professores escrevem os dias em que irão faltar. Próximo a ele, fica um mural no qual se encontram informações sobre os horários das aulas nos períodos da manhã, da tarde e da noite, e sobre a grade horária de cada uma das turmas. Há também uma lista com os nomes dos professores

coordenadores das turmas do Fundamental II, e um comunicado sobre algumas posturas disciplinadoras que devem ser tomadas em sala de aula. Além disso, há um informe sobre a campanha de vacinação contra a gripe suína, bem como o calendário referente ao mês de abril, e um cartão com o telefone para contato de um chaveiro. Na parte de baixo do mural, foram afixadas duas reportagens relativamente recentes. A primeira delas diz respeito à implantação do ponto digital nas escolas, e foi retirada do jornal A Folha de São Paulo. A segunda, extraída do jornal Metro News, traz a seguinte manchete: ‘Em Franco da Rocha, professores protestam em inauguração do governo e são presos’.

Há também na sala, sobre a pia, um imenso calendário do SIMPEEM com o planejamento anual de 2010, ao lado do qual fica um mural com informes da CIPA, sobre as normas e os cuidados de segurança que devem ser tomados na escola. Por último, bem no cantinho da parede, está colado um pequeno calendário de 2010.

Naturalmente, há muitos outros textos que circulam pelo ambiente escolar, e seria possível preencher muitas outras páginas para falar sobre eles. Entretanto, optei por trazer aqueles com os quais tenho mais contato, simplesmente pelo fato de circularem pelos ambientes que frequento com mais liberdade e constância dentro da escola.” (M.B., 2010)

Adentrando o espaço da sala de aula, a escrita e o impresso estão presentes no trabalho do professor: livros e recursos didáticos, escritos na lousa, textos em transparências para retroprojeter, planos de aula, apostilas, anotações de correção de exercícios no caderno do aluno etc., e também nos processos de aprendizagem do aluno: cadernos, livros didáticos, gibis, revistas etc. Além desses, há escritos que medeiam a interação do professor com os familiares (bilhetes e comunicados).

Vejamos o registro que a estagiária faz sobre a sala de aula.

Ex:

“A sala de aula na qual faço o estágio apresenta uma configuração espacial bastante convencional. As carteiras estão alinhadas em fileiras, e dispostas de frente para a lousa, que ocupa toda a parede oposta. Em frente à lousa, no canto direito da sala, fica a mesa da professora, encostada na parede com janelas de uma extremidade à outra.

Do lado contrário, na parede da porta, há outra lousa de giz que é utilizada como mural. Nele, estão expostos atualmente: uma lista com os nomes de todos os alunos da classe, dispostos em ordem alfabética, e escritos com letra de fôrma grande, de modo que os alunos que se sentam do outro lado também possam enxergar; um calendário de tamanho médio, por meio do qual os alunos conferem os dias da semana e os meses do ano, sendo necessário, no entanto, dirigir-se até o mural para enxergá-lo bem; um grande cartaz de papel craft, onde foram colados os auto-retratos que os alunos do 1o C fizeram de si (além do desenho, cada um escreveu o seu nome na parte superior da folha sulfite); um outro cartaz de papel craft, onde foram registrados, com a participação dos alunos, os combinados quanto à feitura da lição de casa; e, por fim, um último cartaz também de papel craft, no qual a professora escreveu, com a ajuda dos alunos, a letra da música sobre o coelhinho da Páscoa, como uma das atividades que fizemos para deixar bem marcada esta data comemorativa. A fim de que os alunos pudessem identificar com mais facilidade a escrita, na letra da canção, de cada uma das cores, a professora sublinhou com canetinha colorida cada uma delas. Sobre a lousa, fica o tradicional alfabeto. Diferentemente daquele do meu

tempo, no entanto, este, propositalmente, não apresenta figuras que facilitem a identificação entre o grafema e o som, obrigando os alunos a se concentrarem exclusivamente no formato maiúsculo e minúsculo de cada uma das letras, tanto em letra bastão quanto em letra cursiva.

Ao lado da porta da sala, há dois grandes armários nos quais a professora guarda boa parte dos materiais dos alunos, bem como outros materiais didáticos: as embalagens plásticas com as pecinhas dos alfabetos móveis, que os alunos usam em algumas atividades, como outros materiais didáticos: as embalagens plásticas com as pecinhas dos alfabetos móveis, que os alunos usam em algumas atividades, como o bingo de letras; gibis da Turma da Mônica e do Sítio do Pica-Pau Amarelo, que os alunos podem escolher e ler à vontade nos intervalos entre as atividades; além dos livros de histórias da professora, que todo dia escolhe uma narrativa diferente para contar aos alunos. Antes de começar a história, a professora se preocupa em comentar o título com os alunos, fazendo um levantamento das suas expectativas e, durante a leitura, ela passa entre as carteiras mostrando as figuras.

No outro armário, são guardados os cadernos dos alunos: os cadernos de desenho, que eles usam, geralmente, para fazer ilustrações após a leitura de uma história pela professora; os cadernos de sala de aula, onde são coladas as atividades de escrita e de matemática; e os cadernos de lição de casa, que os alunos levam para casa duas vezes por semana, com atividades de folhinhas avulsas coladas.

Até agora foram feitas duas tarefas: na primeira, os alunos deviam pesquisar, em jornais, revistas ou mesmo embalagens de produtos, palavras que se iniciassem com a mesma letra dos seus nomes. Também era possível colar figuras cujos nomes comesçassem com essas letras e, em último caso, fazer desenhos. Na segunda tarefa que os alunos levaram para casa, eles deviam desenhar a quantidade de velinhas referentes a sua idade sobre um bolo, escrever ao lado da ilustração o número correspondente, pesquisar com os familiares a sua data de nascimento e, finalmente, fazer um desenho da sua família.

Outro material de uso constante pelos alunos é a agenda, por meio da qual vão para casa recados da escola, avisando sobre a distribuição de uniformes, ou sobre as datas em que não haverá aula, por exemplo, e que também é bastante utilizada pelos pais, para enviar recados à professora. Apesar de ainda não saberem ler, e terem dificuldade para localizar as datas nas agendas, são os alunos os responsáveis por mostrar a agenda em casa e na escola.” (M.B., 2010)

Grande parte dos escritos e do impresso que circula na escola fica à sombra no cotidiano escolar: bilhetes que os alunos trocam entre si, durante as aulas ou nos intervalos delas, gibis e paradidáticos que trazem de casa, impressos recolhidos no percurso até a escola etc. Mais recentemente, outro suporte de circulação da escrita entre os alunos tem se configurado em um suporte digital – a tela dos celulares pelos quais são enviadas/recebidas mensagens (“torpedos”).

Essa multiplicidade de textos escolares mostra o quanto é importante que a comunidade escolar conheça os textos que circulam na escola e as práticas em que eles ganham corpo, sejam os textos instituídos oficialmente no trabalho escolar, sejam os textos que ficam à margem desse trabalho.



É possível conhecer as práticas escolares pelos textos que circulam no espaço escolar: alguns se mantêm no percurso histórico dessas práticas, outros são substituídos por novos formatos e suportes.

Esse conjunto de textos escritos e de impressos vão formando uma tradição textual e fazem com que as práticas escolares se vão sedimentando, num jogo de constância e mudança.

TÓPICO 2 Leitura

Objetivos

Os objetivos específicos deste tópico do segundo Tema do nosso Curso são:

- conceituar a leitura como prática de recepção de textos;
- discutir sobre as capacidades envolvidas na prática de leitura.

O que é ler?

Vários são os termos que tentam qualificar e definir a leitura. Eles aparecem nas opiniões das pessoas, na mídia e nos discursos governamentais. Quem já não ouviu dizer que *leitura é prazer*? Ou que é preciso desenvolver o hábito de ler nas crianças e jovens?

Dizer que a *leitura é uma prática social*, por sua vez, acrescenta, com relação aos outros termos empregados, um aspecto particular à definição de leitura. Parece que, ao tratar a leitura como uma prática social, está-se buscando enfatizar seu aspecto interativo, ou seja, o fato de que ela coloca em relação pelos menos dois sujeitos – o autor e o leitor.

Existem pelo menos duas maneiras de conceber a leitura:



- i) ato de extrair o conteúdo do texto tal como fixado pelo autor;
- ii) ato de construir o sentido do texto, interpretando as pistas deixadas pelo autor.

Nesses dois modos de definir o ato de ler estão embutidas duas visões sobre como se relacionam o autor, o leitor e o texto.

Na visão de leitura como extração de conteúdos, o autor aparece como o grande responsável pelos significados dispostos no texto, restando ao leitor a posição passiva de identificar o que o autor quis dizer, sem qualquer interferência, sem espaço para interpretar as palavras do autor.

O texto, nessa visão, é tomado como um produto pronto e acabado. A leitura, portanto, preserva o que está no texto, e o leitor repete, reproduz o conteúdo sem poder alterá-lo. Trata-se de um ato que tem uma única direção: do autor para o texto, do texto para o leitor, como no esquema a seguir:

Autor ⇒ Texto ⇒ [Leitor]

Já na visão de leitura como construção de sentidos, o texto é tomado como o lugar em que o leitor encontra o autor, interpretando as pistas por ele deixadas no texto.

Não se trata de esquecer o conteúdo do texto, aquilo que ele diz, inventando um sentido completamente independente daquilo que o texto apresenta, mas de um trabalho do leitor no qual seus conhecimentos e sua experiência de leitura são centrais para

interpretar aquilo que o texto diz. Ou seja, ele não repete o que está no texto, mas o interpreta, entrando em diálogo, pelo texto, com o autor, com idas e voltas constantes, como aparece no esquema a seguir:

Autor ⇔ Texto ⇔ [Leitor]

Entre essas duas visões de leitura, é a que concebe a leitura na interação entre leitor e autor mediada pelo texto que permite abordar as múltiplas maneiras com que a leitura se realiza na escola, bem como as diferentes capacidades e suportes com que os textos e as situações de leitura ganham corpo na escola.

Nas palavras da professora Ingedore V. G. Koch, a leitura é:



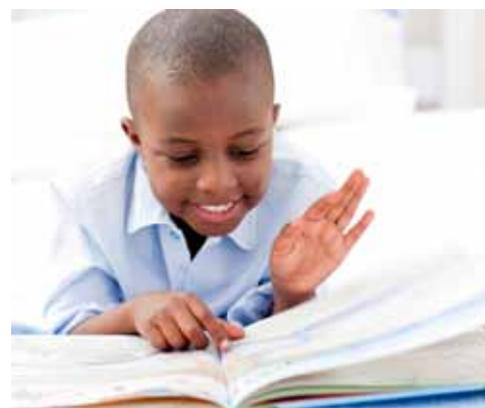
“uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo. Isto é:

- a) a leitura é uma atividade na qual se levam em conta as experiências e os conhecimentos do leitor;
- b) a leitura exige do leitor bem mais do que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é apenas o produto da codificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo.”

Capacidades de leitura

Para que o ato de ler se efetive, várias capacidades são demandadas aos leitores, dependendo do gênero textual em questão, das finalidades e dos suportes em que os textos circulam. Entre essas capacidades, estão aquelas de que fala a professora Roxane Rojo que podem ser assim consideradas:

1. **a capacidade de decifrar:** consiste em ser capaz de decodificar os signos do sistema alfabético de escrita, distinguindo-os de outros registros gráficos, como imagens, ícones etc., e reconhecendo as relações entre o sistema fonológico e o sistema gráfico da língua, ou seja, relações convencionais entre fonemas (sons) e grafemas (letras). Trata-se da capacidade desenvolvida nos processos de alfabetização.
2. **a capacidade de compreender:** consiste em ser capaz de antecipar os conteúdos do texto, levantando hipóteses sobre esses conteúdos; identificar e hierarquizar as informações; além de associar as ideias e estabelecer generalizações a partir do que foi lido.
3. **a capacidade de interpretar:** consiste em ser capaz de questionar sobre o contexto em que o texto foi produzido (quem é o autor? qual o estatuto dele na sociedade? onde e quando se deu a produção?); as finalidades que estariam na base de sua produção (o que teria levado o autor a escrever de um jeito e não de outro?); a que gênero textual ele se vincula e quais as relações que estabelece com outros registros – imagens, sons, símbolos – e com outros textos já produzidos; bem como ser capaz de construir um posicionamento em relação ao que diz o texto (como ele pode interferir no modo como encaramos a cultura escrita e a vida em sociedade?)





Há outras ações que manifestam essas três capacidades: as que foram listadas são apenas uma ilustração do quanto o ato de ler é complexo. É importante perceber que essas capacidades envolvidas na prática da leitura nem sempre têm o mesmo peso em toda e qualquer situação de leitura.

Diferentes finalidades e gêneros textuais podem fazer com que o leitor acione mais uma que outra capacidade.

Ex:

Por exemplo, se a finalidade é fazer um fichamento de um texto para a aula de história, talvez a capacidade de compreender fique mais evidente, o que não ocorre se considerarmos a leitura de um livro repleto de imagens por uma criança em processo de alfabetização, na qual o que parece ganhar relevância é a capacidade de decifrar.

Outra questão a considerar é o fato de que essas capacidades não são acionadas pelo leitor sempre do mesmo modo nem seguem sempre a mesma direção (da decifração para a compreensão e desta para a interpretação). O mais comum é que quanto mais experiente for o leitor, mais ele será capaz de jogar com todas elas, em geral simultaneamente.

O que talvez se possa dizer é que *decifrar* é a condição necessária, mas não suficiente, para ler um texto, mas mesmo isso só se pode confirmar observando de perto as práticas leitoras do indivíduo na sociedade.

TÓPICO 3 Produção escrita

Objetivos

Os objetivos específicos deste tópico do segundo Tema do nosso Curso são:

- conceituar a escrita como prática de produção de textos, contraparte da prática de recepção de textos escritos realizada pela leitura;
- discutir as fases do processo de produção escrita.

O que é escrever?

A produção escolar da escrita ganhou abordagens diversas conforme as diferentes visões de linguagem, de texto, de autor e de ensino-aprendizagem que foram sendo agregadas à prática escolar, historicamente. Essas visões podem ser identificadas pela maneira como se nomeou e ainda se nomeia o ato de escrever. Vejamos algumas dessas nomeações:





- i. escrita como “composição” – associada à noção de criatividade, o ato de escrever como expressão estética e efeito de inspiração. Uma tarefa escolar recorrente consiste em composição à vista de figura;
- ii. escrita como “redação” – associada à idéia de clareza, de precisão; o ato de escrever como ato de expor, de argumentar. A tarefa escolar recorrente consiste na produção da dissertação, gênero escrito por excelência da tradição textual da escola, no Brasil e em outros contextos culturais;
- iii. escrita como “produção textual” – associada à idéia de processo, de trabalho. A tarefa escolar, nesse caso, enfatiza as condições de produção do texto escrito, a saber, as finalidades, o estatuto dos interlocutores (autor e leitor), o momento e o espaço da produção, entre outras condições.

Todas essas nomeações e as práticas que elas etiquetam fazem parte da história da escola até hoje, algumas com presença mais forte que outras. Embora uma não exclua a outra, foi a ideia de escrita como “produção” que ganhou prestígio nos estudos sobre sala de aula, no Brasil, e mesmo nas diretrizes curriculares mais recentemente.

Isso talvez porque a experiência de longos anos de ensino da escrita tenha levado muitos estudiosos e professores a perceberem que não se aprende a escrever de uma hora para outra, que a aprendizagem da escrita é, portanto, um trabalho que começa na alfabetização e é aperfeiçoado ao longo da escolaridade do aluno, continuando mesmo depois que ele sai da escola.

Assim, é a definição da produção escrita como uma prática, como vimos para o caso da prática de leitura, que permite abordá-la como um ato pelo qual, através do texto, interagem o leitor e o autor. Trata-se, portanto, de um processo.

Fases da produção escrita

Foi a visão da escrita como prática processual que levou muitos estudiosos e professores a proporem fases ou procedimentos de realização dessa produção. Em geral são apontados pelo menos três grandes passos, a saber:

1. **Planejamento:** momento em que o autor contextualiza a produção escrita, dando-lhe um sentido e buscando responder às seguintes questões: para que se pretende escrever o texto (finalidade)? Para quem ele será destinado (público visado)? Onde e quando ele circulará (espaço e tempo)? Onde ele estará fixado (suporte)? Qual será seu formato, sua estrutura global, seus componentes (organização textual)? Muitos professores costumam propor a seus alunos, antes da escrita do texto, um roteiro. É um dos modos de orientar a produção escrita, e pode subsidiar bastante o aluno, principalmente se o professor percebe que o roteiro não é uma camisa de força, que pode ser diferente conforme o gênero de texto que se pretende produzir.
2. **Execução:** momento de realização da produção escrita, em que o planejado ganha corpo, podendo ser alterado conforme as dificuldades e desafios que a execução da tarefa coloca para o autor. Nesta fase, ele busca responder às perguntas previstas, em um movimento de idas e vindas, já que a resposta a uma pergunta pode alimentar a resposta a outra. É o planejamento-em-ação, ocasião em que o autor



percebe que nem todas as perguntas são pertinentes ou que algumas são mais relevantes que outras, ao mesmo tempo em que pode agregar mais perguntas à sua tarefa.

3. **Avaliação, reescrita e edição do texto:** momento de retorno ao texto produzido, em que o autor avalia se o texto responde às perguntas feitas. É o momento de ajustes, de reformulação, de cortes, acréscimos, substituições no texto. Na prática escolar, esse movimento de volta ao texto para incrementá-lo nem sempre é realizado, em função talvez de uma visão de produção escrita muito difundida segundo a qual o melhor texto é o produzido no *calor da hora*, bastando para isso ter inspiração. Não parece que isso seja regra em todas as situações de produção, mesmo para um grande escritor como Carlos Drummond de Andrade, que guardava as primeiras versões de seus textos e depois de um certo tempo retirava-os da gaveta e os reescrevia até julgar que eles estavam *no ponto*. Em alguns casos, a reescrita do texto não é feita pelo próprio autor, caso de alguns textos da imprensa ou mesmo de textos acadêmicos (como dissertação ou tese), em que há revisores que realizam o trabalho de edição para posterior publicação ou apresentação pública do texto.



É importante perceber que essas fases não formam um esquema rígido. Conforme o gênero escrito considerado, podemos ter apenas a fase de execução, como ocorre quando deixamos, antes de sair de casa, um bilhete na porta da geladeira para algum familiar informando a hora em que voltaremos. Pode ocorrer também apenas o planejamento, quando esboçamos o roteiro de um texto, de uma história, de um livro, mas nunca encontramos tempo para desenvolvê-lo. O que obviamente não é possível ocorrer é apenas a fase de avaliação, reescrita ou edição, já que ela pressupõe que o texto tenha sido escrito.



Agora que terminamos a leitura do Tema 2 da apostila, vamos acessar a Aulaweb para revisar e aprofundar nossos conhecimentos por meio de leituras complementares, vídeos, exercícios, autotestes, entre outros.

Para saber mais

GOMES-SANTOS, S. N. **Recontando histórias na escola: gêneros discursivos e produção da escrita**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

_____. **Texto, leitura e produção do sentido**. Um mundo de letras: práticas de leitura e escrita – Salto para o futuro – Boletim 3. TV Escola/SEED-MEC, 2007.

MORTATTI, M. R. L. (2006). História dos métodos de alfabetização no Brasil. Portal MEC – **Seminário Alfabetização e Letramento em debate**. Brasília, v. 1, p. 1-16.

ROJO, R. H. R. A concepção de leitor e produtor de textos nos PCN: “ler é melhor do que estudar”. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (orgs.). **Leitura e escrita na formação de professores**. São Paulo, SP: Musa/UFJF/INEP-COMPED, 2002, p. 31-51.

_____. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. São Paulo: Rede do Saber/CENP/SEE-SP, 2004 (Texto de circulação restrita).

_____. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2009.

VAL, M. da G. C.; ROCHA, G. **Reflexões sobre práticas escolares de produção de texto – o sujeito-autor**. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2003.

O QUE VIRÁ DEPOIS?

O próximo Tema de nosso Curso será dedicado às práticas de linguagem que envolvem a produção e recepção de gêneros textuais orais.

